



## PARA ALÉM DAS LIVES

### entrevista Du Macedo

Olá Ouvinte, este é o quarto episódio do **PARA ALÉM DAS LIVES**. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Du Macedo é músico, compositor, arranjador, cavaquinista e professor da Escola Livre de Música, com uma longa trajetória que começa com o Copo Lagoinha, há mais de 20 anos, passa pelo Corta Jaca e continua com sua presença em diversos grupos de choro de Belo Horizonte. Ele conversou comigo sobre sua adaptação ao circuito virtual durante a pandemia, como reformulou sua presença online, construiu uma adesão orgânica à sua rede, criou e realizou cursos e aulas e cativou um grande número de ouvintes para seu trabalho. Além disso, falou da retomada dos projetos autorais e da construção cuidadosa do seu recém-lançado disco, o Malinganado.

**PARA ALÉM DAS LIVES:** música e tecnologia pós-pandemia

**Frederico:** Bom Du, eu queria, para começar a conversa, muito embora já saiba da sua história, né?

**Du Macedo:** Peraí... Eu tenho que habilitar aqui, né? Continue? Beleza.

**Frederico:** Eu queria que você falasse um pouquinho da sua trajetória. Essa introdução sempre é importante, né?

**Du Macedo:** Então, eu comecei na música muito cedo assim, né? Com talvez 8, 9 anos, eu já fiz as primeiras aulas de música na Fundação de Educação Artística. E logo na sequência, eu comecei a tocar violão circunstancialmente numa fêria. Eu não pude ir para a fazenda e tive que ficar na cidade próxima à fazenda, por uma questão até pandêmica! Teve um surto de febre amarela e tal, olha que coisa, né? Naquela época, na década de 80. Minha avó... Meu aniversário é em janeiro, né? Aí tava próximo do meu aniversário, dia

7 de janeiro. A minha avó falou: “meu filho você tá aí... Não quer ir para o clube? Fazer alguma coisa?”. Falei: “não vó. Quero a fazenda! Não tô legal. Eu queria estar lá na fazenda”. “Quê que eu posso fazer para te agradar?”. Eu pensei e falei assim: “Ah, vó, então me dá um violão”. Pedi um violão para ela. Ela contou as moedas e comprou um violão para mim. Então, a partir daí eu fui na música, né? E foi com violão: primeiro rock, rock nacional dos anos 80. E depois eu comecei a gostar de tocar Bossa Nova, já com uns 14 anos. Acho que talvez foi mais ou menos a época que eu te conheci, né Fred?

**Frederico:** Sim!

**Du Macedo:** Porque a gente tem um amigo, um grande amigo em comum que é o Cris, né? O Cris Vianna. E mais ou menos nessa época, eu devia ter 15, 16 anos por aí, eu já voltei para Fundação de Educação Artística, para um estudo mais sério. Mas comecei a tocar também um popular: a bossa nova e tal. Mas não me assumia ainda como músico profissional. Ainda tava em fase de formação, ali com os amigos de bairro, de Santo Antônio, com o Cris. Então, era coisa do bar, do violão. Só que aí rapidamente, assim, alguns anos depois, quando eu já era... Eu vou encurtar a história! Porque a história é grande. Eu fiz algumas viagens para o Rio de Janeiro e comecei a observar que o movimento do Samba na Lapa tava ressurgindo com jovens talentos, né? E eu fiquei muito fascinado com aquilo, né? Então primeiro veio o samba. Com o Cris, o Agostinho Paolucci, a gente montou o grupo copo Lagoinha que rodou bastante, tocou muito entre 1998 e 2004, vamos dizer. Depois... O Copo ainda existe até hoje, né? Eu tô dizendo quando eu participei. Mas então, nesse período, a gente foi para o samba.

Eu fui para o cavaquinho muito casualmente. Não era para eu ir para o cavaquinho. Embora, eu demorei (sic) um pouco para assumir o cavaquinho. Eu ainda insistia um pouco no violão, porque a minha coisa era o violão. Mas aí, eu falei assim... A gente foi fazer um contrato com uma grande casa aqui da época, o Lapa Multishow. E aí, olha só: saímos do Pastel de Angu, que era um barzinho desse tamanho, né? No Santa Efigênia, você lembra. E fomos para o Lapa, que era uma das maiores casas, que recebia o pessoal do Samba do Rio que vinha tocar aqui! Quando a gente falou o que cada um tocava, o dono do lugar falou: “Ah, mas cadê o cavaquinho? Samba sem cavaquinho?”. O Cris foi muito perspicaz, ele virou e falou assim: “Não, o Du toca!”. Eu não tinha nem comprado cavaquinho ainda! Nem tinha comprado! Só tinha uma ideia de tocar cavaquinho no futuro. Aí ele falou que eu tocava. O Vilardo, era Vilardo o dono: “ô Du, você toca?” Eu falei: “toco, toco sim!” Nesse mesmo dia... Eu dava aula numa escola em Nova Lima e tava com dinheiro assim no bolso... Naquela época pagava em dinheiro, né? Eu contei o dinheiro e era a conta pra comprar um cavaquinho bem vagabundo, assim. Dava para comprar. E eu passei... Saí do Lapa e passei na Serenata e comprei lá o cavaquinho! E aí, nosso show era 15 dias depois! Eu

tive que aprender o cavaquinho. Óbvio que eu aprendi primeiro no ré, sol, si, mi. E eu fui no ré, sol, si, mi por um tempo, até que eu vi que a sonoridade do ré, sol, si, ré, tinha mais a ver com a música brasileira, com o samba que eu conhecia de ouvido, né? O samba do Cartola, Nelson Cavaquinho, era nessa afinação. Ficava mais equilibrada, mais interessante. Aí, eu fui mudando a afinação do cavaquinho e virei cavaquinista! Depois disso, foi uma história longa aí com o grupo Copo Lagoinha, que foi mais regional.

Depois, o Corta Jaca, que a gente pôde viajar para fora: fomos para a França, fomos para a Espanha, para vários lugares tocar. E dei cursos de choro também lá. Fui umas três ou quatro vezes para Europa e para outros lugares com o cavaquinho. Gravei muitos fonogramas em discos de um monte de gente. Nossa! Eu tenho uma playlist minha no Spotify que tem alguns desses fonogramas. Deve ter umas 100 ou 120 músicas que eu gravei. A grande maioria, 90%, é cavaquinho, mas tem um ou outro violão, uma coisinha ou outra diferente. Mas o meu instrumento é o cavaquinho, o que eu tô trabalhando agora e que eu trabalhei muito durante a pandemia. Foi e é meu carro-chefe, digamos assim. E eu tô gravando vídeo aulas agora, um curso em parceria com a Casa Ideia, que é de cavaquinho. É um curso de cavaquinho, né? É o que eu tenho mais recurso ultimamente, é o que eu sou mais chamado para trabalhar e é o que eu desenvolvi mais. E acabei me apaixonando mesmo pelo cavaquinho.

O cavaquinho é um instrumento espetacular, depois que você trata ele com respeito. O cavaquinho, ele é legal quando tá com um violão e com pandeiro e com a confusão toda acontecendo! Aí é que ele brilha! Ele cresce! Ele sozinho, ele não tem tanta graça. Não é um instrumento tão legal pra você ficar tocando em casa. Então, o cavaquinho é um instrumento que eu gosto de tocar pra me preparar para tocar com as pessoas! Para chegar e falar: “eu quero chegar lá e quero tocar bem!” Com pandeirista, com violão. Então, eu me apaixonei pela roda, pelo espírito do Choro, pelo espírito do Samba. Principalmente do Choro! O Choro é meu habitat mesmo! Samba também eu gosto demais! E eu adoro misturar Samba com Choro. Porque eu acho que é tudo o mesmo ambiente. Mas é isso Fred. Eu não vou alongar mais essa introdução. Acho que já deu para ter uma ideia de onde eu me situo agora nesse momento, né? Então, eu sou professor da Escola Livre de Artes, do Arena da Cultura. Vai fazer 20 anos daqui a dois meses, maio, junho, julho. Agosto! Em agosto faz 20 anos que eu entrei lá. Sou louco por esse lugar!

**Frederico:** Maravilhoso! Vou fazer um gancho aqui! Pra gente entrar um pouco em algumas perguntas mais específicas, sabe? Você é uma pessoa da roda, né? Você gosta de tocar na roda: a coisa do Choro que é essa coisa direta, ao vivo, né? Que é uma troca do momento ali também, que acontece. E aí vem esse problema: a pandemia. Como é que faz, né? Porque essa roda, ela some. Ela não tem jeito de acontecer naquele momento em que tá tudo virtual. Como

é que foi para você? A gente pode começar nisso. Como é que foi esse momento de ter essa interrupção e você pensar em construir alguma coisa a partir dessa alteração radical de modo de funcionamento...

**Du Macedo:** Nossa, isso foi o que mais pegou, na verdade. No momento em que entrou a pandemia, eu tocava numa roda toda terça-feira, com um grupo que eu tocava há três anos no mesmo lugar, ali no Santa Teresa. E a roda, ela tem um sentido muito maior do que a música propriamente dita. Claro que a música é o principal. Deve ser, mas tem tudo aquilo que faz parte e deve fazer: a resenha, a conversa, o botequim, a cerveja, essa comunhão, essa divisão da cerveja. Isso tudo faz parte, esse partilhamento de um momento, das



conversas que não tem a ver com o Choro. Então, isso fez um grande sentido na minha vida durante um bom tempo. Quando não era essa de Santa Teresa, era outra roda que eu frequentava. Frequentei bastante o Salomão, frequentei o Mosteiro na sexta-feira. Vários lugares, a gente... O próprio Bolão na quinta, Pedacinhos do Céu. A gente buscava as rodas. Ia buscando as rodas boas da cidade, que estão aumentando, né?

Mas a pandemia... Veio nesse momento em que já tava se criando um público, que foi uma coisa importante também. O público do Choro, o público que você via muito nas rodas. Aquelas pessoas que valorizam, que vão lá, que escutam, que batem palma, que interação com você.. E a gente foi criando esse público, esse respeito mesmo pela música e tal. E foi um balde de água fria mesmo. A pandemia foi muito difícil nesse sentido. Cortou completamente. A gente não tinha possibilidade de fazer isso virtualmente em função do delay. A gente ia passar raiva se fosse tentar fazer, então ninguém fez, né? [Ninguém] tentou.

Então foi esse tempo todo aí. Até o momento em que se abriu um pouco, com todos os protocolos que a gente tinha. Mas mesmo assim era uma coisa tão restrita... A roda mesmo não tinha. A roda, como a gente faz, no bar ou na calçada ou na praça não tinha. Então, foi um momento que foi importante pessoalmente para mim. Para voltar ao meu trabalho de composição. Nisso a pandemia me ajudou demais, porque quando a gente tá na rotina de tocar, você está estudando repertório pra tocar. Você tem às vezes três shows para fazer numa semana, com repertórios completamente diferentes. Às vezes você pega um que é para tocar violão, Bossa Nova, o outro é Choro aí, o outro é Samba, Pagode, Sambão mesmo.

E na pandemia... Um pouco antes da pandemia, eu voltei a compor canções, assim, gostar de fazer isso: de sentar com violão. Porque eu vou para o violão para compor. E comecei a compor música e letra. Fiz bastante música. Isso foi em 2018/2019. E entrou a pandemia e eu tinha muitas músicas inacabadas. Ainda com harmonia para se definir, com arranjo... Tinha alguma coisa para ser feita. Tava a música, mas a letra não tava ainda perfeita, do jeito que eu achava que devia estar. Então, eu fui trabalhar essas músicas que eu já tinha e fui criando outras, claro. Gravei, investi na coisa de equipamentos. É uma coisa boa da pandemia, né? Tive que comprar um bom microfone de condensador, eu comprei uma boa câmera, já tinha uma mesa de som boa digital, mas eu coloquei no meu home [studio] para poder ter uma transmissão melhor para os alunos. Uma condição melhor. Foram essas adaptações que a gente foi fazendo, né? Mudei o plano de internet, coloquei uma internet melhor, enfim. Coisa que muitos de nós fizemos. Para me adaptar. Independente da área, você teve que se adaptar. Usei esses equipamentos para registrar coisas, como pré-produção de um trabalho que deságua no meu disco. Agora, dia 6 de junho, a gente tá tendo a última sessão de gravação. Depois de 18 sessões! (risos). E é isso.

Eu só queria dizer que um aspecto positivo da pandemia foi me

trazer alguns recursos técnicos para registro e investir na minha própria obra, meu trabalho composicional. Eu acho que foi o que de positivo mesmo que deixou essa adequação. E, é claro, isso tudo que você falou foi perverso até, eu diria, né? Não poder tocar na roda de Choro, um negócio que você já tava ali... Mas, enfim, eu acho que todos nós, né? Eu tenho um filho de 10 anos, o José, que ficou em casa “quicando” no apartamento, literalmente.

**Frederico:** Eu tenho um de 7 e ½, também.

**Du Macedo:** Você também tem, né?

**Frederico:** Só que é menor, 7 e ½. Louco, né? No início então, que a gente não fazia nada mesmo, né? Muito em casa mesmo, nossa. As Crianças são bem energia, né? Então, eles precisam dessa expansão. Muito mais até do que a gente. Então, é bem difícil mesmo. Mas eu achei muito legal isso que você falou, porque teve esse espaço de voltar para dentro um pouco. E aí você conseguir também pôr esses projetos que você tinha... E que maravilhoso, que bom que você tá terminando! Eu queria perguntar disso que a gente conversou! Você tava no meio da gravação e tal. Então em breve vai estar aí? Maravilhoso a gente poder ouvir também e depois falar disso, quem sabe?

Mas deixa eu te perguntar uma outra coisa que você falou. Ah, adquirir uma série de equipamentos, né? E isso foi uma coisa que você, esse equipamento, você achou assim, você precisou? Falou: “preciso me adequar a esse momento. Não tô dando aula presencial. Não tô fazendo shows. Então vou investir nisso para ter uma outra possibilidade”. Como é que foi a entrada nesse espaço? Porque parece que você falou disso, né? Você começou a ter uma entrada no espaço virtual de uma outra maneira. E aí esses equipamentos foram necessários para essa entrada. Fala um pouco, por favor, como é que foi esse processo? E como que você chegou nisso.

**Du Macedo:** Foi pura necessidade Fred, pura necessidade mesmo. Porque imagina você, tá? Você tá no ambiente que você trabalha, você toca, você dá aula presencial, você produz tudo presencialmente. Grava presencialmente e tal, vai lá no estúdio grava. Enfim, aí de repente você cai numa selva que não tem nada disso. Aí você não tem mais o tocar no bar, não tem mais o bar, não tem mais o estúdio, não pode mais ir lá no estúdio, não tem mais o ambiente de trabalho. Não tem mais nada, não tem a sala de aula física. Então, o quê que você tem que fazer? Você tem a internet? Aí, você cai na selva da internet. Aí você fala: “eu tenho que ir para a internet porque tenho que sobreviver, tenho que pagar minhas contas. Eu tenho que”... Enfim, e minha esposa na mesma situação. A gente teve que se readaptar.

E eu, numas férias na Bahia, aquela paranóia toda. Mas ficamos lá dentro da casa, aquelas coisas. E em janeiro. E eu com muito tempo

ali. Comecei a estudar... estudar não é a palavra. Comecei muito empiricamente a observar como é que se faziam aulas na internet na minha área. Cheguei até a comprar alguns cursos, assim, poucos. O que eu achava que era interessante. Outros, eu assistia meio por um tempo, gratuitamente. E fui olhando e fui falando: “Ah, eu vou ter que me adequar”. E lá da Bahia mesmo, eu fiz uma campanha. “Na tora produções”, assim. Eu tinha na época 500 seguidores no Instagram, só. Não tinha ninguém, praticamente. E eu nem usava Instagram direito. Assim, usar [mesmo]. Aí, eu fui e lancei essa campanha. Mandeí umas listas de transmissão do WhatsApp, e eu nem sabia fazer isso. E teve muita gente querendo aula, muito mais do que eu imaginava. Eu ofertei curso de Harmonia, um curso de violão... Não, minto, violão não ofertei no início não. Um curso de cavaquinho, um curso de harmonia. Foi só duas.

Ah não, desculpa, Eu pulei uma etapa. Primeiramente, eu tentei dar aula particular. Aí eu tive muito aluno, muito aluno. Trabalhei o primeiro ano da pandemia basicamente com aluno particular. Mas foi muito estressante. Porque eu ficava às vezes 10, 12 horas na frente do computador dando aula, por dia. Muito aluno mesmo, cavaquinho, violão. Muito aluno de musicalização, de harmonia. Cheguei a ter 40, 50 alunos. Então, você imagina, dava aula direto.

Aí eu falei: “ó, quer saber...” Na outra viagem para Bahia! Mais um mês lá, porque minha sogra tem uma casa lá, então a gente vai, né? E mais um mês eu falei com a Júlia: “Júlia, eu vou dar aula em grupo. Vou montar cursos em grupo, dar aulas coletivas”. Aí deu muito certo, eu perdi alguns alunos, claro. [Os] que não se adequaram e tal... Mas ganhei outros também, e até ampliei meu público com as aulas coletivas.

Cheguei a ter 1000 alunos nas turmas, em todas as turmas, porque eu comecei a dar aulas, a fazer uns cursos em parceria. Fiz um em parceria com o Beto Lopes, que ele deu de improvisação. Fiz um em parceria com o Nego que funciona até hoje, que é de pandeiro. Então, tem essas Lives que a gente chama, que funcionam até hoje. São Lives semanais. Que têm um suporte didático em vídeos que eu produzo junto com eles. E até o próprio caminho didático são eles que estabelecem, mas eu vou também dando uma observada, acompanhando o desenvolvimento da turma. Eu coordeno, de certa forma, o trabalho.

E foi legal. Foi legal até um certo ponto. No final, todo mundo completamente esgotado desse modelo online. Foi meio desgastante. Eu [fiquei] muito desgastado, querendo trabalhar com o meu disco e dando muita aula. Aí entrou essa coisa, né? O tempo que eu tive no início, até adequar... Beleza. Eu aproveitei. Depois, eu não tava com muito tempo mais, tava dando muita aula e tava priorizando isso.

E a Júlia montou um curso de desenho no mesmo modelo dos meus cursos de música: um modelo em que é uma Live semanal de uma hora, em que eu apresento a matéria, o conteúdo. E essa Live é gravada. Eu gravo e jogo no meu canal do YouTube. Fica lá para quem quiser assistir. Quem não puder assistir na hora, assiste depois.

Enfim, é assim que funciona. Mas eu dou também, para aproximar do aluno... Eu chamava de orientação de estudo, semanal. Aí é individual, pelo WhatsApp e tal. Então isso demandava muito tempo. Eles mandavam vídeos. Eu devolvia e tal. Então, nessa orientação, eu gastava muito tempo. Gastava duas tardes na semana ou uma tarde e uma manhã, dois turnos do meu dia. Mas fazia parte do modelo. Eu falei Júlia: “faça igual. Eu acho que procê vai dar muito certo”. E foi dito e feito: ela fez igual e deu muito certo. Na primeira, ela tinha aluno, mas muito aluno na Live. E aí o problema era atender todo mundo individualmente, depois.

Mas ela mantém esse modelo até hoje, já esvaziado, bem mais esvaziado. Porque, no início, teve aquele boom das aulas online. Agora o pessoal quer mais é presencial. Não tenha dúvida, né? No Arena, na Escola Livre de Artes, tem ainda a Escola Expandida, que é o online, mas as aulas online estão com seis alunos, sete alunos. As presenciais tem 20, o número máximo. [Estão] lotadas, lotadas. Gravo as vídeo-aulas, que penso que são um outro modelo. Mas a aula lá, se você tem a possibilidade de dar ela presencial, melhor. Muito melhor de trabalhar e muito melhor de receber a aula também.

**Frederico:** Tem uma troca que é disso, de estar junto, né? Que querendo ou não, no virtual não acontece isso. É de outro jeito. É o que você falou: é uma outra... Acaba sendo uma outra linguagem mesmo, né? Você achou soluções que eu achei muito legal também, o modo de fazer.

**Du Macedo:** O tempo do virtual é outro. O que eu falo no presencial em 15 minutos, no virtual eu falo em cinco. No presencial tem outras interações: o olhar mais próximo, e outras coisas, né? Outras coisas que você conversa. Às vezes você bate um papo ali que às vezes não tem tanto a ver com a... [aula]. O tempo é outro. O tempo é outro. Aqui não. Aqui é meio estressante. Essa coisa: vamos falar rápido. Vamos lá! Aí, dá problema no áudio, na câmera, a conexão cai. Sei lá! Eu tenho sempre essas...

**Frederico:** Claro! Mas foi bom você falar também... Porque, é isso. [Mas] funcionou, você conseguiu. Então você conseguiu se manter com essa coisa das aulas? Direto com as aulas online e tal?

**Du Macedo:** A duras penas eu consegui, porque a vida mudou. Eu tive que investir em equipamento, eu tive que... Eu tava com uma outra vida que eu não tinha tempo para cozinhar, por exemplo. A minha esposa também, a Júlia. Então, a gente pedia comida. então fazer supermercado às vezes... A vida mudou, sabe? Os gastos também foram maiores. De uma certa forma, eu consegui. A gente conseguiu, mas bem cambaleante mesmo. Porque uma boa parte da minha renda era tocar. Boa parte, não sei se era metade. Talvez não, mas uns 40%. Isso varia de mês para mês. Tinha mês em que você emendava uns shows melhores, a coisa de gravar às vezes também.



Muito projeto, né? Eu gravei um disco infantil, um projeto aqui. Um arranjador me chama, porque eu leio partitura. Cavaquinista que lê partitura não é tão comum. Então, às vezes eu tenho esse trabalhos aí de gravar e às vezes tocar. Gravei um negócio com uma orquestra, não sei quê, um trem de música contemporânea, não sei o quê... Então eu gravo esses trens às vezes. Isso, a pandemia zerou. Aquele dinheirinho que você sabe que todo mês vai pingar ali. Pingar não, vai dar um dinheirinho legal. Já salva a escola do José, pelo menos a metade! (risos)

Mas não, aí parou, parou completamente. Zerou isso. E aí começou a ter muito vídeo coletivo, que a gente não ganhava nada por isso. Ganhava uma trabalhadeira danada para fazer! E foi uma oportunidade de eu trabalhar a internet também. De cair a ficha e falar: “meu amigo, você é músico. Então você vai trabalhar aonde se você não movimentar seu Instagram?” Entendeu? “Você quer trabalhar onde? Onde você acha que você vai trabalhar? Você acha que você é bom o suficiente?” Estou falando para mim mesmo! “Você acha que é bom o suficiente? Que as pessoas vão te chamar do nada? Não mano, não!” Eu pensei o contrário. Falei: “eu vou me expor. Não gosto desse trem, mas vou produzir conteúdo”. Eu não dei um centavo para o Instagram, né? Nunca dei um centavo.

E fui produzindo conteúdo todo dia. Acho que você me segue lá. Você viu como eu era chato! Ferrinho de dentista! E eu sou até hoje! Fui produzindo conteúdo. Tudo que eu ia fazendo, eu ia colocando. Aí, eu fui ganhando seguidores, natural, orgânico! Aí hoje, sei lá, eu tenho 4.200, não sei... Eu saí de 400 seguidores para 4.200 em dois anos! Então, se eu continuar com essa média, eu vou chegar nos 10.000 rapidamente! (risos) Isso para mim, na minha área... Assim, pessoa que fala que não é importante, é porque ela tá fora do mundo! Ela tá fora do mundo atual. Porque as pessoas te contratam hoje pela internet. 80% dos meus trabalhos, essas pessoas chegam a mim pela internet. Tem indicação das relações pré pandemia e tal para internet... [Acho] que eu joguei pesado aqui. Mas é raro, assim, né? É mais a pessoa que chega pela internet: “Ah, vi um vídeo seu, um vídeo do YouTube”. O vídeo não sei o quê... E os contratantes, hoje em dia, é a coisa mais louca! Antes, como é que era? Você mandava release bonitinho lá, físico, né? Entregava uma fita ou então um CD e tal. Não era isso? Fazia tudo isso, né? Chegava e tirava um monte de foto, de tudo que você fez: foi em tal lugar do mundo, tocou não sei o quê.

Hoje em dia, a pessoa te liga e fala assim: “Eduardo, tem um show aqui da Vale”, pá, não sei o quê. “Você tem um grupo de Chorinho” - é sempre assim, um grupo de Chorinho - “É assim, não é muita gente não. Quero uns quatro.” Você fala: “não, uns cinco vai ficar melhor” “Tá bom, pode ser cinco. Mas faz o seguinte: me manda um vídeo agora! Um vídeo atual, agora! Pra gente fechar!” Tá tum - ela não quer saber de nada! Ela não quer saber nem da sua página do Instagram, nada, portfólio, nada. Ela quer um vídeo atual para avaliar. Provavelmente ela vai ver quantos seguidores você tem no

Instagram, vai dar uma olhadinha ali no Facebook. Você vê o nível que chegou, né?

**Frederico:** Só tem um problema: vai acabar essa reunião aqui! Eu tô vendo aqui ó, é menos de um minuto. Então eu vou abrir uma outra tá legal.

Bom, eu dei uma olhada rápida, muito rapidinho mesmo, né? No que a gente tava conversando e vi que o último assunto que a gente tava, era justamente essa transição, né? Você tava falando disso: você trabalhava com música e boa parte da sua renda vinha de tocar. E aí, com a pandemia, você acabou tendo que achar soluções. E achou a solução até de, assim, usar as ferramentas que você não utilizava muito. As ferramentas virtuais, para poder tentar alavancar a continuação do seu trabalho nesse momento maluco aí!

E aí, você já tinha falado - o que eu achei ótimo - que as coisas realmente aconteceram, né? A coisa das aulas. Você pensou em um método e isso rolou bacana. E ao mesmo tempo também, você teve um tempo de se voltar para você mesmo, produzir composições autorais. Que você tá em processo de terminar seu CD, o seu disco... Não sei do que a gente fala mais, né, cara? Em que mídia é lançado ultimamente. Mas enfim, tem horas que volta o LP, né? Tem horas que vai no vinil, [tem horas] que é fita cassete. Eu já andei vendo por aí... Então, tem muitas possibilidades. Não sei o que que você pensou de mídia, de suporte, pra essas músicas. Vai ser um CD?

**Du Macedo:** Pois é, então, a ideia... Eu fiz todo esse trabalho com recurso próprio. Eu sou funcionário público. Eu exerço função pública, na verdade, sem ser funcionário público. Mas eu exerço função pública e não posso participar da Lei Municipal [de Incentivo à Cultura]. Mas eu resolvi fazer com recurso próprio. Então, a perna tava curta! Porque eu tinha 16 músicas para gravar e só consegui gravar 8, a metade! E fiz um álbum. O mínimo para ser um álbum, 35 minutos e tal. Como minutagem, eles recomendam 30 minutos, né? No mínimo. Em sete faixas. Eu fiz 35 minutos em 8 faixas. Ou seja, um álbum pequeno. Eu brinco que é o Casa Dois. O Casa Um, eu ainda vou gravar num estúdio de ponta. Com meus amigos músicos, alguns foi na base da permuta, outros eu paguei abaixo da tabela. Mas paguei. Fiz questão de pagar. E assim, eu não previ o disco físico, né? Mas conversando com algumas pessoas e tal, eu acho que vai valer a pena. Eu vou fazer uma tiragem mínima de 1.000 unidades, para ter esse registro em CD. Embora não seja uma coisa hoje tão importante, ainda é um objeto de valor, que tem lá o seu valor, né?

É claro que... Mas essa parte, assim como o show de lançamento, eu estou planejando fazer via financiamento coletivo, né? Assim que estiver pronto o disco, eu tenho todos os vídeos, as gravações, making off. Então eu tô preparando esse material para lançar uma campanha, para arrecadar um valor. Até que é um valor baixo, de R\$ 12.000,00. Com esse valor, eu vou usar R\$ 3.000,00 para fazer a prensagem de 1.000 unidades; usar uma outra parte aí, talvez uns

R\$ 2.000,00 no projeto gráfico, que vai ser sempre [com] pessoas amigas, a minha esposa. Enfim, a gente vai fazer sempre da forma mais econômica, também na base da irmandade. E aí, vai sobrar em torno de R\$ 7.000,00 a R\$ 8.000,00, para fazer um lançamento, pagar um cachê bom para os músicos. Não vou fazer com aquela banda toda que gravou, porque é uma coisa impensável! Vou fazer uma banda reduzida.

E já tem alguns lugares, né? Tem pré-agendado em três lugares, que são lugares bem legais na cidade. E eu vou ter piano nessa banda, pianista. Então, a gente está vendo lugares que tem piano. Com a exceção da Casa Outono... A Casa Ideia e a Fundação de Educação Artística, que são lugares que têm piano, para a gente fazer com piano. Vai dar outro clima! E é isso! A minha ideia é lançar o financiamento coletivo em julho (2022). Tenho recompensas muito boas, porque eu vou ter como recompensas alguns trabalhos gráficos relacionados ao disco. Estão sendo feitos pela minha esposa, pela Júlia, e são só desenhos com temas do disco. São desenhos lindos, que ela faz com relação às letras e, enfim, inspirados nas canções. Tem as echarpes, que são as lenços que ela usa e ela faz. Ela tá fazendo uma linha também inspirada nos temas do disco, né? Porque é um disco que fala da minha infância na fazenda, mais ou menos isso. É um disco autobiográfico que se volta para um Brasil rural, um Brasil interiorano, o Brasil que eu vivi enquanto eu era criança.

**Frederico:** Legal demais!

**Du Macedo:** Uma coisa que eu não podia deixar de fazer, né? Porque as músicas, elas perdem a validade...Elas têm... Eu brinco que são crianças que você tem que levar para passear, né? Que elas ficam ali, você tem que levar para passear. E se você tem um monte, você tem que escolher. Eu escolhi oito. Eu tenho até mais músicas, né? Eu tô falando das canções, que eram 16! Agora, eu já não sei quantas são! Mas eu tenho muitas músicas instrumentais, que são Choros. Então eu pensei em fazer um disco de canção. O projeto Inicial eram três [discos] de oito [canções]! Só que agora eu já estou pensando que eu posso fazer dois. Faço esse, lanço esse dentro daquela estratégia de não lançar o álbum diretamente: vou lançar singles até novembro, quando eu vou lançar, fazer o show mesmo e lançar o disco. Espero que até lá já esteja pronto. A gente vai fazer os shows, mas o show também é maior do que o disco. Aí entram músicas que não entraram no disco, né? Então é isso! Tá nesse pé.

**Frederico:** Maravilhoso.

**Du Macedo:** Eu não lembro qual foi a questão inicial que você perguntou! (risos)

**Frederico:** Mas tá bom! (risos) Você já respondeu. E é bom que você

vai respondendo e vai agregando outros temas! Até isso que eu ia te perguntar. Uma coisa das aulas. Porque você falou que as aulas deram muito certo, né? O curso que você bolou. Uma certa metodologia de trabalho que acabou funcionando, né? Você foi adaptando, foi testando o formato, né? Aí foi super desgastante e você acabou criando um outro formato que deu muito certo e tal. E eu só queria te perguntar uma coisa... Você teve muito aluno, o que é muito legal. É claro que tem a ver com um monte de coisas, isso. Mas eu queria saber... Como é que você avalia isso. Se teve uma influência para... Como é que foi? Como apareceu a quantidade de alunos que você conseguiu? Você acha que veio via como? Você acha que teve a ver com a sua utilização de redes? Com a sua história pessoal como músico, que é uma trajetória já grande, né? O que você acha? A que você atribui aí esse pacote de...

**Du Macedo:** Nessas pesquisas, lendo e tal... vendo. Antes de lançar esses cursos, eu percebi o seguinte: a pessoa para lançar um curso ela tem que ter o que se chama de “gatilho de autoridade” na rede. Que é o quê? A pessoa já ser reconhecida pelo que ela faz fora da rede. Então, quando ela chega, ela já tem um reconhecimento, já tem uma historinha contada ali. Eu pensei: “e a pessoa que não tem esse gatilho de autoridade, ela precisa criar esse gatilho. Precisa entrar na rede e começar a criar esse público.” E eu fui meio a meio: eu já era um pouco conhecido com que eu fazia fora, mas não era conhecido na rede. Não tinha página em rede social movimentada, nesse sentido, no meu trabalho.

Então, o investimento, ele foi muito no Instagram, principalmente. eu abandonei o Facebook, até nem entro no Facebook. Raramente entro. E tá errado da minha parte, porque eu deveria trabalhar lá também. Mas enfim, eu optei pelo Instagram e fui crescendo no Instagram, num tráfego orgânico. Só produzindo vídeos, materiais, e coisas assim da minha vida como músico: uma gravação, uma parceria, uma música, um processo. Não é só coisa de aula, didática de aula. E tinha muita coisa de aula, todo dia tinha um vídeo. Se você for na minha página, vai ver: tem um vídeo de cavaquinho, de violão dando um toque, uma imagem. Isso aí foi gerando... Movimentando minha página, mesmo sem eu dar um real para o Instagram. Até porque o meu crescimento, ele precisava ser sustentável.

Chegou um momento que começou a perder qualidade no meu serviço prestado, vamos dizer assim. Porque eu tava com muita gente para atender, entendeu? Então, assim, se eu impulsionasse ainda... Não sei, acho que eu não teria perna... Teria que ter uma equipe, né? Treinar uma equipe para trabalhar e tal. Então, claro que muita gente chega na minha [página] porque já me conhecia ou teve indicação, mas teve também muita gente que de repente via um trecho de uma Live minha lotada, cheia de gente, e falava: “Poxa, eu quero fazer com esse cara aí”.

No YouTube minha política era assim: cada um dos cursos tinha uma

característica um pouco diferente. Eles não tinham o mesmo preço. Você tinha uma Live de cavaquinho, que era bem popular, no sábado. Eu, nessa Live, eu destinava 20% de bolsas, mesmo, completas, para quem não podia pagar. Eu tenho uma parceria com o pessoal do aglomerado da Serra, um bloco de carnaval chamado Seu Vizinho. Então, inclusive um dos líderes lá do Seu Vizinho, Diego, é meu aluno de cavaquinho e ele dá aula lá de cavaquinho, ele replica lá. Ele mandou também, na época que não podia ter o presencial, alguns alunos bolsistas para esse curso que, inclusive, foram os meus melhores alunos. Eu tô indicando eles para o curso que eu tô dando, vou dar, na Fundação. Vou começar a dar um curso na Fundação de Educação Artística de música latino-americana. Quer dizer, eu sou da equipe, né? Vou estar na parte do cavaquinho. Então, assim, cada Live tinha uma característica. A do Beto, que já era um preço mais alto, um grupo menor. Tinha a minha Live de harmonia também, que era intermediário. A minha Live de cavaquinho, eu deixava “pública”. Eu pedia autorização para todo mundo e botava ela “pública”.

Então, mostrava que eu tava online lá. Então, gerou um certo engajamento. Pouco. Engraçado, é pouco. Você vê lá, e tem quatro, cinco, seis pessoas. Mas essas quatro, cinco, seis pessoas gostam e indicam. Entra uma. Pode não ser ela, mas é um outro. É um filho, um amigo. Eu fui vendo que cada modelo de Live, tinha um público específico. Tinha umas Lives que eu mantinha fechadas mesmo. Tinha outras que eram semi-abertas. Aquela coisa com link, né? A pessoa que tem o link, ela acessa. E tinha também a [que só se a] pessoa tivesse um e-mail cadastrado no YouTube, é que podia acessar com o próprio e-mail, e com a própria senha do e-mail.

Então assim, esse modelo, ele poderia até dar certo agora. Continuar dando certo. Porque eu atendia gente de outros países. Só que ficou bem desgastado no final, né? A gente sentia que as pessoas queriam presencial: “Quando é que vai ter presencial?”, e tal. E aquela ... Começou a rolar essa fadiga aí do virtual. Eu diminuí bastante meu ritmo de aula, até porque eu voltei, na Escola Livre de Artes, no Arena, a trabalhar presencial. Então também tem uma demanda de deslocamento. São áreas muito distantes...

**Frederico:** Legal demais! Muito legal você falar disso tudo também, né? E bom... Algumas coisas, até depois eu ouvindo você falando, você já tinha tocado, né? Nessa estrutura de... Mas você detalhou mais agora. [A estrutura] de utilizar a rede para construir o seu espaço. E você fez uma reflexão muito boa aí sobre essas duas dimensões: a da sua história pregressa e como é que você acessa também esse outro espaço. Eu queria te perguntar uma coisa. Eu tenho uma listinha, né? Quer dizer, questões, só para não ficar perdido e esquecer de coisas que podem ser importantes. Você falou que tem muita música que tá no Spotify, né? E deve estar em outros meios de circulação também. E você recebe também? É monetizado por esse sistema? Eu sei que... (risos) Todo mundo já sabe dessa dis-

cussão do irrisório, né? Isso já tá mais que estabelecido. (risos) Mas, de qualquer forma, você tem esses acessos também. Mas isso é significativo na sua vida?

**Du Macedo:** Não, não é significativo. Pelo seguinte: os direitos conexos, eles são muito baixos. E quando eu sou produtor fonográfico, eu também não ganho tanto, porque as minhas músicas tocam na [Rádio] Inconfidência e a Inconfidência não repassa. Ou na Rádio UFMG, e a Rádio UFMG não repassa. E quando toca assim na Guarani, sei lá. Quando tinha Guarani, tocava muito pouco. Então, você tinha que deixar juntar às vezes dois anos para valer a pena você fazer um resgate no banco. Tem uma lista... Normalmente são aquelas mesmas músicas que tocam e tal.

Com exceção de uma música minha que tocou! (risos) A Marina Machado cantou uma música minha. Em parceria, hein? E tocou num comício. Comício do Lula. Em 2002, cara! Já tem tempo isso. E tava lotado. E eu recebi um Papai Noel na época que foi bom! Porque tava muito cheio e eles fazem a conta pelo número de pessoas! Na época eu recebi algo em torno de R\$ 700,00. Que na época era até um bom dinheirinho, assim. Dava um Papai Noel.

Mas foi a única vez. A única vez que eu ganhei algum dinheiro com direitos autorais. E quando eu liberei música para outras pessoas gravarem em outros países, que é o caso de uma música minha chamada Matuto que foi gravada por um quarteto de cordas, até de uma gravadora conhecida do meio de erudito. E aí eu pedi lá uns, não lembro se foi 300 ou 200 Euros e deu tudo certo. Fiz uma tradução juramentada do negócio, mandei lá e tal. Demorou um pouco lá o processo, mas deu certo. E uma outra vez eu liberei uma música minha para uma vinheta de um prêmio Anima Mundi. Aí eles me deram um dinheiro. Era muito pouco, assim, sei lá, uns R\$ 300,00.

E assim, já aconteceu muito muito de eu liberar a música. Isso aí é anuência, né? Então, eu já liberei música para o Corpo Cidadão dançar. O grupo lá do Corpo (Grupo Corpo - companhia de dança), de formação do Corpo. Ah, eu já liberei música para filmes de amigo meu, curta-metragem, né? Trechos de músicas, na verdade. Então, isso rola direto. Agora, o direito autoral, direito, ganhar com isso, não! Tá longe disso acontecer! E aliás, eu sou uma pessoa muito crítica à propriedade intelectual. Essa lei atual, eu acho muito absurda essa coisa de 70 anos da morte do compositor. Isso é muito absurdo, impensado. Eu acho que morreu, morreu, pronto! Táí no mundo. Você ter os direitos autorais, eu acho que até ok e tal. Mas não precisa de ser 70 anos da morte. Mesmo porque isso sufoca a obra do compositor. E a obra do compositor precisava era do contrário. Era respirar depois que ele morre! Todo mundo gravar, tá liberado aí. Vamos botar pra todo mundo conhecer.

**Frederico:** É isso. E isso é significativo em muitas áreas, não só na música. Todas as áreas da Cultura. Mas, foi bom pincelar isso aí. Não é um negócio simples, né? A gente sabe que é muito mal estruturado,

vamos dizer, em termos de remuneração e tal. Não é uma coisa que garante nada, né? Eu tô pensando aqui em alguma outra questão... Acho que a gente falou já de [várias] coisas... Você participou de Lives de outras pessoas? Você fala das Lives que você fez, que foram mais de formação. Muito legal, uma preocupação um pouco diferente.

**Du Macedo:** Eu fiz uma Live do meu trabalho autoral. Foi no dia 7 de Maio de 2021, no auge da pandemia. Ou 2020? 2020 não, 21 mesmo. Fez um ano. Teve uma onda muito forte em janeiro de 2021. Lembra que foi Manaus? Lá morreu gente para caramba. Então, ainda tava ali, naquele pique. Eu fiz uma Live com meu trabalho autoral, com minhas canções autorais. Foi muito legal, porque eu não imaginava que fosse dar a audiência que teve. Até porque já tava todo mundo cansado de Live e tal. E eu mandei lista de transmissão do WhatsApp, Instagram e tal. Nossa! Eu olhava e teve uma hora lá que tinha quase 200 pessoas na Live! Isso no áudio, assim, né? Mas ficou muita gente na Live e muitos comentários e pá. Achei muito massa fazer nesse formato: aqui em casa, voz e violão. Na casa, lá em casa, porque eu tô na casa da minha mãe! Eu montei, tipo, um negócio legal, com iluminação, microfone bom e tal, e foi legal assim, rolou legal.

Eu participei de muitos vídeos coletivos. Muitos. Eu não sei dizer quantos, mas mais de 10. Trabalho de amigos, grupos. O grupo que eu tocava estava lançando, no início da pandemia, um vídeo por mês nos primeiros 6 meses. Depois, a gente perdeu o fôlego e tal. Mas, enfim... E participei de Lives de amigos, né? Lives de amigos. Live das meninas que fazem o Abre a Roda do Choro. Eu participei.

**Frederico:** E eram coisas com recurso assim, você recebia ou era só amizade mesmo?

**Du Macedo:** Eu participei com a Regina Souza. Nós fizemos três Lives que foram remuneradas: uma gravada lá no Teatro Bradesco, outra na Casa Outono, e a outra na Virada Cultural. As da Virada Cultural eram show-Lives, né? Era um show em espaço público só transmitido, sem público. Quer dizer, só com a produção e tal. E na Virada Cultural, eu toquei umas quatro vezes. Eu fiz aquele teste lá. Todo dia eu tinha que fazer o teste de covid para ir lá tocar, porque eu tava tocando na banda da Marina Gomes, toquei na banda da Gisele Couto. Toquei com várias, várias pessoas. Então eu fiz quatro. Virada Cultural da Regina, mais uma que eu tô esquecendo aqui. Foram essas que foram remuneradas e tal. E essa Regina que a gente fez no Minas e tal. Eram um projetos, né? Projetos que já estavam previamente, antes da pandemia, já estavam esquematizados. E aí, teve que adaptar para o esquema da pandemia.

**Frederico:** Muito legal, muito legal saber também! Mas a pergunta que eu queria te fazer...Acho que tem mais duas coisas só... Ra-

pidamente, assim. Uma mais genérica: talvez falar um pouco para mim do que que você achou que foram os maiores entraves durante a pandemia para você conseguir fazer... Dentro do que era possível, você teve que se adaptar, né? Mudar um pouco o seu foco, ou um tanto... Mas o que você achou que foram os maiores entraves: foram questões legais? Questões tecnológicas? Questões, não sei, de relação? Não sei o que seria? Mas assim, se você vê, de alguma maneira, aspectos particulares que dificultaram mais do que a própria pandemia... A estrutura de não estar presente... Não sei né? Se tiveram outras coisas que também atrapalharam a possibilidade de conduzir a sua carreira de músico durante a pandemia.

**Du Macedo:** Então, os dois maiores entraves para mim, no primeiro momento, foram a questão tecnológica de se adaptar, né? Com bons recursos, bons equipamentos, para poder fazer uma transmissão, uma aula com melhor qualidade de som, de áudio, de imagem. Esse foi o primeiro. A primeira luta: descobrir como investir melhor para fazer isso legal. Tinha a estrutura do streaming, da Live ali, ao vivo. E tinha a estrutura dos vídeos gravados, né? De suporte das aulas. E a gente foi aprendendo a fazer na marra, tanto tecnicamente... Quer dizer, a coisa caseira, porém buscando uma qualidade melhor para comunicar o conteúdo didático. Então esse foi o primeiro grande entrave.

E o segundo grande entrave foi colocar em prática o que se estudava na teoria, quer dizer, a hora de tocar mesmo. Tocar junto, que era impossível. Por conta do delay. E esse foi o grande problema, porque a gente tinha algumas práticas, algumas ementas, alguns cursos que precisavam, né? Foi essa questão mesmo, da performance musical, de tocar junto. Que foi uma grande questão. Eu acho que esse é o grande diferencial da aula presencial. Você tá ali, olhando no olho do aluno. Tem uma coisa também, das aulas de instrumento, que é uma leitura corporal que a gente faz para ver se a pessoa tá tensionando lugares indesejados, e se tá com uma harmonia no corpo, com um equilíbrio ali no corpo, que no quadradinho do Meet não rola... É muito difícil de ter essa percepção. Então as aulas de instrumentos ainda agravam essa questão, né? Foram esses dois os grandes entraves que eu percebi. No primeiro momento, a questão tecnológica e, num segundo momento, como performar. Não gosto dessa palavra, mas não tô achando uma melhor... Como tocar, né? Como praticar juntos.

**Frederico:** Ô Du, muito obrigado! Muito importantes as suas contribuições. Toda a conversa. Obrigado pelo seu tempo, pela sua disponibilidade e abertura, né? Que também é muito difícil... Tudo isso: o tempo, a disponibilidade, a abertura para poder falar de todas essas questões. Tem coisas positivas, tem coisas complexas. Então, antes de mais nada, muito obrigado mesmo! Mesmo, mesmo. É isso, primeiro de tudo é te agradecer muito. Eu acho que você respondeu



maravilhosamente bem tudo que eu precisava. E foi muito além do que isso. Uma conversa muito agradável também.

E eu vou te acompanhando. Quando você for fazer assim... Eu gostaria de saber... (risos) -mas acho que eu vou conseguir no seu Instagram- as rodas de Choro que você tá! Porque eu tô afim de ver. Eu adoro Choro, né? Queria ver e tal. Apesar de que meu tempo é meio maluco [de trabalho]. Mas adoro ver Choro e minha mulher também adora. E a gente tá doido para começar a frequentar mais rodas de Choro, né? Ainda mais boas, como é o caso com certeza das suas. Mas eu olho por lá, se você quiser me dar uma dica de falar assim: “olha, vai nessa que tá rolando que é muito boa e que eu toco e tal”, por favor, eu vou agradecer também bastante, sinceramente! Mas é isso, obrigado demais, um abraço e a gente vai topando por aí, um abraço.

**Du Macedo:** Muito obrigado Fred. Eu é que agradeço. Tomara que seu projeto tenha vida longa e sucesso! E é isso cara. Acho que você me segue no Instagram, né? Normalmente eu divulgo as coisas lá. Sim, às vezes eu deixo passar batido, mas normalmente eu coloco lá a agendinha da semana. E vamos mantendo contato até aqui pelo WhatsApp. Quando for rolar alguma coisa eu te falo, beleza? E precisando de alguma coisa complementar, estamos aí! Não há problema algum, pode me chamar aqui a qualquer momento. Grande abraço.

Você ouviu o **PARA ALÉM DAS LIVES**, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: [www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net](http://www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net). Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA